

Políticas de Esporte para Juventude

Em 2008, a cidade de São Paulo-SP foi palco de um encontro considerado de grande importância para a juventude mundial: o Seminário Internacional Políticas de Esporte para a Juventude. O evento contou com a participação de diversas entidades, pesquisadores e personalidades ligadas ao mundo do esporte.

Os debates e as apresentações ocorridas no seminário serviram de matéria-prima para a publicação do livro “Políticas de Esporte para Juventude”, elaborado pelo Centro de Estudos e Memória da Juventude (CEMJ). Organizada por jovens, a maioria deles oriunda do movimento juvenil, o Centro inclui historiadores, cientistas sociais, jornalistas e outros profissionais, atuando principalmente no registro da participação da juventude brasileira e na produção de estudos, buscando, dessa forma, subsidiar tanto os movimentos juvenis quanto os gestores públicos em nível executivo e legislativo.

A **REVISTA EF**, aproveitando o lançamento do livro, conversou com a diretora do CEMJ e conselheira do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), Prof. Brenda Espindula.



REVISTA EF – Quais os dados disponíveis a respeito da participação dos jovens na prática de atividades físicas?

Prof. Brenda Espindula – Ao falar da relação da juventude com o esporte, pode-se constatar que a prática de atividades físicas não faz parte do cotidiano de grande parte da juventude. A pesquisa “Juventude, Juventudes”, publicada em 2006 por Mary Castro e Mirim Abramovay para a UNESCO, aponta que 44% dos jovens brasileiros praticam algum esporte, especialmente por entender a sua importância para o bem-estar e qualidade de vida. A maioria, 56% dos jovens, não pratica nenhuma atividade esportiva. Para cerca de 60% deles, as razões apontadas são por condições individuais, como a falta de tempo e a falta de interesse, ou por condições materiais, como a falta de dinheiro e de local adequado. Poderíamos pensar que muitos jovens preferem atividades culturais em detrimento do esporte.

E quanto à falta de estrutura esportiva nos estados e municípios? Não contribuem para esse problema?

É marcante na realidade do país a insuficiência e a precariedade de equipamentos públicos que poderiam dar suporte à prática esportiva. O local onde os jovens moram é o principal lugar para a atividade esportiva, seguido da escola, da rua, dos parques e praças, e, em número reduzido, dos ginásios e clubes. Mesmo a escola não pode ser considerada um espaço qualificado e adequado para a prática de esporte. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), das 160 mil escolas de Ensino Fundamental, somente 28% das escolas tem quadra de esportes. Já das 24 mil escolas de Ensino Médio, 74% possuem estes espaços, ponderando que quase 50% da juventude não está no EM. Sem contar que são poucas as modalidades oferecidas no ambiente escolar, girando em torno do futebol e do vôlei. Ainda, se pensarmos no desenvolvimento do



esporte olímpico no Brasil, os clubes tiveram papel fundamental no fomento das modalidades. Entretanto, poucos jovens têm acesso à estrutura dos clubes.

Frente a essa realidade, qual tem sido o papel do Centro de Estudos e Memória da Juventude?

O CEMJ tem alertado que o Estado deve buscar a democratização do acesso ao esporte aos jovens. Enquanto existirem muitos excluídos da prática esportiva, o desenvolvimento do esporte fica emperrado. Ao tempo que o esporte passa a ser formulado enquanto política de Estado, ele deve ser articulado também ao desenvolvimento das políticas públicas de juventude. É também necessário valorizar o nexos entre esporte e educação. Garantir o esporte para a juventude é articular o sistema educacional com o esportivo e entender que a escola e a universidade devem ser lugares por excelência de acesso e prática do esporte.

E qual deve ser o papel do jovem neste contexto?

Deve-se promover a participação social dos próprios jovens nas atividades e na gestão esportiva, fomentando não só a presença ativa da juventude no usufruto das políticas de esporte, mas fundamentalmente na elaboração e no desenvolvimento delas. Nesse caso, é necessário envolver o movimento juvenil e suas entidades para formular, gerir e avaliar as políticas de esporte voltadas aos jovens.

Nesta década, o Brasil será sede dos principais eventos esportivos mundiais. Qual a importância desses “megaeventos” para a juventude brasileira?

É fundamental projetar os legados sociais desses megaeventos. Além de elemento promotor do desenvolvimento humano, o esporte também pode contribuir bastante para a projeção da nossa imagem e a afirmação do Brasil no cenário internacional. Este é um dos desafios que será colocado para o país nos próximos anos: o de reinventar o chamado “efeito olímpico”, construindo uma Olimpíada com as cores e a cara do Brasil, em diálogo permanente com a realidade do nosso povo. Uma Olimpíada capaz de deixar um imenso legado, que beneficie a maioria da juventude brasileira.

